



UNICAMP

EVENTO: CORPO ASSUME O NORDESTEVEÍCULO: FOLHA DE S. PAULODATA: 17/09/97PÁGINA: 01SEÇÃO: FOLHA ILUSTRADA

Bailarinos do grupo Corpo durante ensaio de "Parabelo", a 27ª montagem da companhia mineira, que estreia hoje à noite no Teatro Municipal de São Paulo com coreografia de Rodrigo Pederneiras

Corpo assume o Nordeste

ERIKA PALOMINO
Colunista da Folha

"Esse forró é bom, viu." Desse jeito meio Guimarães Rosa comentava o vigia do Teatro Municipal sobre o ensaio a que assistia —numa espiadela—, na madrugada de ontem em São Paulo.

Ele falava de "Parabelo", o novo trabalho do grupo Corpo, a mais importante companhia brasileira, que tem sua estreia oficial hoje à noite na cidade.

Com música original de Tom Zé e José Miguel Wisnik, a obra "tem um cheiro e uma cor de Nordeste", nas palavras de seu coreógrafo, Rodrigo Pederneiras.

"Tem xaxado, tem baião, tem zabumba, tem sanfona", completa Pederneiras, empolgado. De fato, a coreografia é celebrada como "o mais brasileiro dos balés do Corpo".

Numa trajetória que dá sequência ao êxito do balé "Nazareth", sobre a obra do compositor, "Parabelo" trabalha ritmos e danças regionais de maneira contemporânea, moderna e sofisticada.

Com música de Tom Zé e José Miguel Wisnik, o balé 'Parabelo' traz xaxado, forró e baião

"Não se trata de pegar essas danças e usar seus estereótipos", explica Pederneiras. "O que eu queria era quebrar as formas e as linhas, deixar as pessoas mais soltas."

Foi Wisnik quem sugeriu o referencial nordestino, bem próprio do universo de Tom Zé (leia texto abaixo). De estrutura serial, bem seca, o primeiro dos temas do balé já desmonta qualquer formalismo. Os 18 bailarinos começam no chão, em malhas cor de sangue, mo-

vendo-se ao som da voz de Tom Zé, em movimentos inspirados nos exercícios físicos feitos pelo músico no estúdio, durante as gravações.

"São como caranguejos", diz Pederneiras. "Nesse sentido, é muito terra. Queria ir mais para o chão mesmo, já que 'Bach' é todo aéreo", diz o coreógrafo, referindo-se ao último sucesso do grupo, estreado no ano passado, que também está no programa.

Outros movimentos de "Parabelo"

surgiram de brincadeiras e passos feitos espontaneamente pelos bailarinos durante os ensaios, incorporados por Pederneiras, em processo inédito.

"Ainda, queria mesmo que cada um deles tivesse uma forma de fazer sua movimentação; está até mais 'sujo' do que o habitual, nesse aspecto. Esse balé tem uma soltura e uma 'arejura' que os outros não têm", explica o coreógrafo, em bom mineirês.

"Parabelo" tem ginga e rebolado a to-

da prova, num vocabulário despojado e desconstruído —mas não menos intelectualizado. Além do forró que arrebatou o vigia, a debochada bossa nova, lá pelo meio do balé, é de deixar qualquer um de boca aberta.

Certamente é o que vai acontecer na França, para onde segue o Corpo depois da temporada brasileira (Rio, Brasília, Porto Alegre e Curitiba), com patrocínio da Shell e da Telemig.

O Corpo é companhia residente da Maison de la Danse de Lyon, onde já vende mais ingressos que a companhia de Béjart ou a Alvin Ailey. "O que fazemos é domínio nosso, não deles", festeggia, com razão, Rodrigo Pederneiras.

Espectáculo: Parabelo

Onde: Teatro Municipal de São Paulo (pça. Ramos de Azevedo, s/nº; tel. 011/222-8698)

Quando: hoje, amanhã e sábado, às 21h; domingo, às 17h

Quanto: de R\$ 5 a R\$ 30. À venda na bilheteria do teatro ou pelos sistemas televendas Statione (011/5589-8202) e Telearte (011/521-9675)

Trilha tem zabumba e garrafas Ex-votos inspiram os cenários

da Redação

Os 42 minutos de "Parabelo" têm como ponto de partida pequenas matrizes criadas por Tom Zé. Sons criados a partir do roçar de cordas, de serrote sobre tubos de PVC, de bolinhas de sabão, apitos, garrafas, gaitas de chaveiro, bochechos e vozes.

José Miguel Wisnik entrou na sequência, trabalhando essas estruturas no computador e criando as bases em estúdio.

A banda de Tom Zé propiciou a embalagem musical dos nove temas da peça, em violão, baixo, baixolão, guitarra, bandomim e bateria. Piano, teclado, rabeca, zabumba, sanfona e percussão completaram a produção, assinada por Paulo Tatit e Alê Siqueira.

Depois disso entra o trabalho de voz, em que participam tanto

Tom Zé quanto Wisnik e Tatit, mais a baiana Gilvanete Rocha e Silva e os compositores Ná Oz-zetti e Arnaldo Antunes, nas faixas "Cego com Cego" e "Xique-Xique", que encerram o espetáculo.

No total, são nove os temas, com um início mais seco, mais intenso, com estrutura de voz e barulhos de garrafas.

Quatro desses temas trazem no título nomes de cidades do sertão que remetem à guerra de Canudos, que completa 100 anos. São elas Uauá, Canudos, Bendengó e Xique-Xique.

O CD com a música original do espetáculo será vendido no Teatro Municipal de São Paulo e nos outros teatros em que o Corpo vai se apresentar. "21" e "Nazareth" também têm sua trilha original em CD e disponíveis para compra por R\$ 15. (EP)

da Redação

Os cenários e figurinos do Corpo arrematam a qualidade do trabalho do Corpo. Em "Parabelo", a cenografia leva a assinatura do artista plástico Fernando Velloso e do diretor Paulo Pederneiras, que também assina a luz.

A base é a cultura popular —com tratamento contemporâneo. Assim, dois painéis fotográficos de 15m x 8m mostram imagens trabalhadas por computador e impressos digitalmente. As fotos foram feitas por José Luiz Pederneiras, irmão de Rodrigo e Paulo, que é fotógrafo (são dele também as fotos desta página).

Na primeira parte do balé, cinco cabeças num fundo preto, como se flutuassem no espaço. Na segunda parte, uma parede de retratos que remetem ao universo dos ex-votos, as imagens reli-

giosas oferecidas nas igrejas por graças recebidas.

Os painéis são mostrados com "backlight", iluminados por trás. "É bem limpo, como pede o espetáculo", explica Velloso.

Como de hábito, a arquiteta Freusa Zechmeister é a responsável pelos figurinos de "Parabelo", feitos em cores quentes: vermelho, laranja, amarelo.

A veladura do tule aparece como um dos fundamentos da primeira parte do espetáculo. Sobre as malhas inteiriças, o tule negro garante desenhos diferentes para a musculatura dos bailarinos, dependendo da iluminação.

No segundo segmento do balé, os bailarinos se desnudam mais. Sem os tules, as cores vêm intensas; o movimento do xaxado final é ressaltado por saias e perneiras, integrando dança e música. (EP)



Pas-de-deux da primeira parte de 'Parabelo', de Pederneiras



Figurino de Freusa Zechmeister para o balé